

POEMA NARRATIVO NA OBRA DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS

FRANCISCO, Daniela Aparecida

SALES, José Batista de

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

<da.francisco@gmail.com>/ <salesjb@uol.com.br>

RESUMO: O poema narrativo possui longa tradição na literatura ocidental, com obras relevantes para a formação da literatura brasileira e caracteriza-se como a manifestação literária em verso na qual se realiza a narração ficcional de fatos ou de ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios. Dessa forma, o poema narrativo pode ser classificado como épico, heróico ou herói-cômico. Entretanto, com o passar do tempo e as mudanças sociológicas e culturais, houve relevante transformação na produção, compreensão e avaliação desses poemas, as quais poderão implicar importantes questionamentos a respeito do gênero, principalmente no que diz respeito à recepção e atribuição de sentidos das obras. O objetivo deste trabalho caracteriza-se pela reflexão sobre tais mudanças presentes no reconto da literatura infanto-juvenil brasileira, por meio da obra de Bartolomeu Campos Queirós. A opção por este escritor orientou-se por distintos critérios: as referências ao autor como um dos mais importantes escritores da moderna literatura brasileira; o engajamento do autor na formação de leitores autênticos; o discurso do autor sobre a escola servil a uma ideologia que se utiliza da arte apenas como um instrumento pedagógico e ao fato de não haver muitos estudos sobre o autor, apesar de sua importância no cenário nacional (CASTRO, 2003).

PALAVRAS-CHAVE: Poema narrativo; Literatura infanto-juvenil; Bartolomeu Campos de Queirós.

Introdução

Atualmente, no Brasil, existe uma vasta produção de livros destinados aos públicos infantil e juvenil. A cada dia novas obras chegam às crianças e jovens por diversas formas. E na maioria das vezes, há um intermediário adulto entre este leitor e o livro.

Para as editoras que publicam os livros destinados ao público infanto-juvenil, que disponibilizam estes materiais, normalmente o critério a ser adotado para publicação ou não de um novo livro está muito mais relacionado às finanças do que à qualidade estética deste. O livro publicado é encaminhado para a venda e comprado por um adulto que frequentemente apenas se atém à resenha ou apenas ao *marketing* em torno da obra.

A crítica literária, por conta desses fatores, encontra dificuldades em realizar um trabalho significativo a cerca de cada novo livro ou até mesmo de livros disponíveis no mercado há alguns anos, mas que não receberam uma devida atenção justamente pela quantidade de publicações existentes.

Sabendo da necessidade e importância em analisarmos um livro em seus pormenores, justamente na intenção de auxiliar um trabalho reflexivo sobre as obras e seus escritores, este trabalho busca realizar intermediação de leitura da obra *Cavaleiros das Sete Luas* (1985), de Bartolomeu Campos de Queirós.

O livro teve sua primeira edição publicada pela Editora Minguilim e foi reeditado em 2004 pela Editora Global. *Cavaleiros das Sete Luas* (1985) é escrito em forma de poema narrativo, um gênero literário que possui longa tradição na literatura ocidental e que só recentemente começou a ser destinado a um público mais jovem. Além disso, recebe o selo de livro altamente recomendável para jovens pela Fundação Nacional do Livro Infante Juvenil (1985), premiado com o Prêmio Bienal da Câmara Brasileira do Livro – Categoria Juvenil – 1984/1985 e no ano seguinte, Prêmio Bienal da Câmara Brasileira do Livro – Categoria Texto Juvenil – 1986¹. Além do destaque alcançado pelo livro, temos que ressaltar também a importância de Bartolomeu Campos de Queirós no cenário literário nacional, com um grande número de obras publicadas e agraciado com diversos prêmios na categoria da literatura infanto-juvenil.

1 - As publicações na área da literatura infanto-juvenil

Nos últimos anos, os mercados editoriais brasileiros sofreram um *boom* de produção. A cada dia novas obras e novos autores são lançados e chegam às livrarias, às escolas, ao público ao qual foi destinado.

Peter Hunt (2010), ao abordar este problema sobre a produção de literatura infantil, nos afirma que

[...] para essas editoras, as finanças parecem dominar: não há mais (em geral) uma única editora controlando tudo; há, isso sim, dentro da editora, uma equipe, com árbitros internos e externos. Ao redor deles estão as

¹ Informações disponíveis no site da Editora Minguilim, no endereço <<http://www.editoraminguilim.com.br/internas/premios.asp>>. Acesso em set. 2011.

influências financeiras, sociais e literárias diretas na forma de compradores para diferentes culturas, que terão, todos, suas próprias demandas. (HUNT, 2010, p. 224).

Regina Zilberman e Marisa Lajolo em *Literatura Infantil Brasileira: histórias e histórias* (1991) também abordam a questão da indústria cultural do livro. Além de perfazerem a trajetória da produção do livro infanto-juvenil, as autoras também enfatizam a produção editorial destes livros. De acordo com o pensamento das autoras,

[...] o fato de os livros para crianças serem produzidos dentro de um sistema editorial mais moderno implica regularidade de lançamento no mercado e agenciamento de todos os recursos disponíveis para criação e manutenção de um público fiel. Como conseqüência, alguns escritores lançam vários livros por ano, perfazendo dezenas e dezenas de títulos que independentemente da qualidade garantem seu consumo graças à obrigatoriedade da leitura e à agressividade das editoras. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 125).

Zilberman e Lajolo, neste mesmo livro, afirmam também que [...] os livros infantis constituem, contemporaneamente, um próspero segmento de nossas letras. (1991, p. 124).

Tendo como parâmetros as informações acima e traçando uma relação entre elas, podemos fazer uma primeira conclusão a cerca da importância do mercado editorial, de como ele controla as produções e observar que em momento algum a questão da qualidade desta literatura foi colocada em discussão. O mercado apenas produz as obras. Podemos perceber que o importante para a editora não é a qualidade literária do livro, mas sim a que diz respeito à esfera econômica. O controle realizado não se realiza para tentar estabelecer certo padrão de qualidade e sim de quantidade. Caberá aos críticos literários, estudiosos e demais interessados nesta área, estabelecer critérios de qualidade e analisar as obras tendo em vista a importância da literatura para a formação do ser humano.

2 – O poema narrativo

Poema narrativo, como a definição já explicita, seria o poema que possui características de narração, ou melhor, do gênero narrativo e não apenas poético. José Batista de Sales, em seu texto *O poema narrativo: introdução ao gênero* (2011), assim o define:

[...] o poema narrativo caracteriza-se como a manifestação literária em verso no qual se realiza a narração ficcional de fatos ou de ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios e pode ser de alcance universal, regional ou local, dada a presença ou a ausência de grandiosidade. Dessa forma, o poema narrativo pode ser classificado como épico, heróico ou herói-cômico. (SALES, 2011, p. 2).

Em seguida, José Batista de Sales (2011) explicita as características principais de cada tipo de poema narrativo:

- poema épico: é composto por ações heróicas, por personagens ilustres, virtuosos, que são portadores de expressivos poderes econômicos, religiosos etc. para a narração desses feitos heróicos é utilizada uma linguagem solene e o verso heróico, possui caráter universal;
- poema heróico: assim como o poema épico, possui ações consideradas grandiosas e fabulosas, mas as ações e fatos narrados possuem um caráter apenas regional ou local;
- poema herói-cômico: obedecem à poética clássica nos seus aspectos formais, mas celebram fatos ordinários. O tom épico é utilizado justamente com o objetivo de ridicularizar feitos e/ou tipos de personagens.

Exposto o sentido do poema narrativo e suas classificações, realizaremos a seguir alguns apontamentos sobre o poema narrativo infanto-juvenil brasileiro.

3 – A poesia infantil

Cada vez mais ganha destaque a discussão acerca do estereótipo criado em torno da literatura infanto juvenil. Por ser uma literatura destinada a um público menor, no sentido de estatura e não de inferioridade, ao receber o adjetivo infanto juvenil a literatura acaba sendo também inferiorizada.

O mesmo problema ocorre no campo da poesia. Maria da Glória Bordini, em seu livro *Poesia Infantil* (1986) relata como é exemplar, também na poesia, as consequências da criação poética para as crianças. Segundo a autora, a poesia [...] setor tradicionalmente ultravalorizado na criação verbal artística, quando recebe o adjetivo *infantil* tende a perder sua natureza poética num balbúcio meloso de emoções ou na voz estrondosa que exalta deveres cívicos ou familiares [...] (BORDINI, 1986, p. 8).

Para Bordini (1986), este problema ocorre pelo fato de que [...] os escritores vestem-se de pedagogos para ensinar condutas dentro das convenções poéticas que empregam para adultos. Por sua vez, os pedagogos adonam-se da poesia culta, com o fim de transmiti-la a seus tutelados, mas convenientemente reduzida ao tamanho que se julga suportável ou moralmente conveniente. (BORDINI, 1986, p. 9).

Ainda em *Poesia infantil* (1986), Bordini nos diz que a poesia infantil acaba demonstrando uma auto-imagem da criança que não a fortalece. A criança é retratada como frágil, ignorante e incapaz perante o mundo dos adultos: [...] só quando a produção poética transcende a tendência à inferiorização de seu destinatário, tratando-o em pé de igualdade e apresentando-lhe um texto com o mesmo nível artístico que para o adulto, é que essa traição não ocorre. (BORDINI, 1986, p. 21).

Outro teórico que abordou as questões relativas à literatura infantil e à poesia infantil foi o escritor Jesualdo Sosa. Em seu livro *A literatura infantil* (1978), Sosa aponta como a poesia infantil foi sendo excluída da literatura infantil e da escola. De acordo com o autor,

[...] a poesia em geral – e mais raramente a poesia lírica – não penetrou na escola, a não ser às costas do canto, ou do tímido recitativo, gênero no qual, com frequência, chegou ao exagero. Não foi, porém, somente nestes dois serviços que ela esteve presente. Além de sua estrita função moralista, na exaltação do patriotismo, através de poesias narrativas e discursos, ou em simples composições [...] prestou-se também à simples função de proporcionar leitura. (SOSA, 1978, p. 178)

Este quadro inicial, esboçado até agora, começa a ser alterado com alguns escritores modernos. Ainda é notável a exclusão da poesia na escola e a falta de conhecimento acerca deste assunto dos responsáveis pelo fomento à leitura, porém alguns passos já estão sendo dados nesta área.

Lajolo e Zilberman, no livro *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias* (1991), já citado, abordam a questão da ruptura com essa poética tradicional. Segundo as autoras,

[...] a produção poética para a infância solidificou-se nos últimos anos, não só em termos de quantidade (proporcionalmente aos outros períodos) e diversidade, como em termos de qualidade, desvincilhando-se do recorte didático e pedagógico. Nesse amadurecimento, a poesia infantil aproxima-se da não-infantil do mesmo período, igualmente fértil em experiências poéticas [...] (LAJOLO; ZILBERMAN. 1991, p. 145).

Esta ruptura, porém, não aconteceu do dia para a noite. A libertação da poesia infantil da sua função pedagógica demorou muitas décadas para ocorrer. De acordo com Lajolo e Zilberman [...] só paulatinamente ela abandona a perspectiva tradicional que tematiza bichos, paisagens, vultos familiares e patrióticos de um ponto de vista exemplar e educativo. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 148).

A poesia infantil, então, apesar de ter entrado tardiamente na escola e de ainda não ter um espaço consolidado em seus meandros, busca seu estatuto literário e afirma-se como produção poética devido aos autores modernos. A lição modernista, de utilizar o lirismo profundo para trabalhar com temas triviais e cotidianos rendeu frutos:

[...] trata-se, aqui, da imersão do universo infantil tanto no contexto plástico como no contexto metafísico para o qual a poesia sempre apontou. Entre o sonho e a realidade, puxando fios de ambos, essa poesia infantil mais contemporânea tece seu espaço ao dar configuração verbal às perplexidades e impasses da condição humana, historicamente confinada – principalmente na sua representação infantil [...] (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 148).

4 - O poema narrativo infanto-juvenil brasileiro

Caracterizamos o poema narrativo como uma manifestação literária em versos e explicitamos suas tipologias. Com base nessas informações, realizaremos alguns apontamentos sobre o poema narrativo infanto-juvenil brasileiro.

Em seu texto *O poema narrativo infanto-juvenil brasileiro: apontamentos preliminares*, José Batista de Sales (2011) afirma que

[...] o poema narrativo voltado para o leitor infanto-juvenil explorou igualmente as criações clássicas e populares, porém segundo as novas concepções e projetos burgueses. Do código retórico clássico, rígido formalmente e conservador ideologicamente, aproveitou determinados costumes do herói, transformando sua sagacidade em virtudes como a fidelidade ao lar, à família e à pátria. Sua coragem e peculiaridades guerreiras transformaram em valorização do conhecimento científico e do amor ao trabalho. (SALES, 2010, p. 4)

Desta maneira, o poema narrativo, perde seu caráter próprio do gênero épico clássico e do poema heróico cômico, para transformar-se em discursos moralizantes e pedagogizantes, assim como a poesia de uma maneira geral. Jesualdo Sosa (1978), citado anteriormente, também nos afirma que os poemas narrativos eram usados apenas como meios de exaltar a pátria.

Assim como a poesia de uma maneira geral, o poema narrativo moderno foi se afastando destes modelos tradicionais. Atualmente,

[...] porção relevante do poema narrativo encontra-se despojada da preocupação com a edificação de caráter do pequeno leitor. Essas obras compõem um instigante conjunto de poemas em que a simplicidade temática aliada à presença de elementos da narratividade, como ações, tempo e peripécias, conseguem criar narração em versos que prende a atenção do leitor. (SALES, 2010, p. 7).

Esses novos poemas narrativos, produzidos por autores contemporâneos, possuem grandes potenciais literários e editoriais. Além disso, em sua gênese, não se afastaram das características dos poemas narrativos. Sales exalta também as questões referentes ao tratamento gráfico destes poemas, pois segundo o autor [...] o tratamento gráfico é notável, de maneira que a ilustração concorre em pé de igualdade com a linguagem verbal, destacando-se, pelo volume (o objeto, o exemplar) [...] (SALES, 2010, p. 8).

O gênero, por suas características modernas e pelo entrelaçamento da linguagem poética, narrativa e pictórica acaba oferecendo novas possibilidades para a leitura, com a exploração do imaginário e da sensibilidade do leitor em formação.

Podemos dizer que o poema narrativo infanto-juvenil brasileiro, [...] indicia uma das modernas convenções sobre o uso poético da linguagem verbal – aquele em que as palavras

sobressaem, espessando-se e fazendo-se perceptíveis, de modo a se interporem entre o usuário e as coisas a que se referem, subvertendo-lhes a face cotidiana. (BORDINI, 1986, p. 13).

5 – Bartolomeu Campos de Queirós

Bartolomeu Campos de Queirós nasceu em Pará de Minas, no interior de Minas Gerais, no ano de 1944. Passou sua infância no interior do estado, em Papagaio. Atualmente reside em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

Do ofício de escrever para as crianças e adolescentes, sobrevivem vários escritores no cenário nacional, sendo muitos deles consagrados. Muitas das obras desses escritores são premiadas por instituições artísticas e/ou literárias e muitas outras chegam às escolas por meio de projetos de fomento à leitura e à literatura promovidos pelo poder público².

Dentre esses escritores, podemos destacar o trabalho do escritor Bartolomeu Campos de Queirós (1944), justamente por ser um escritor renomado no cenário moderno nacional e com uma vasta publicação de obras destinadas ao público infantil e juvenil. Acredita-se na importância deste escritor por ser “[...] um dos mais destacados autores brasileiros no âmbito da literatura para crianças e jovens. [...] Como escritor, estreou em 1974 com o livro *O peixe e o pássaro*. De lá para cá, publicou mais de 40 títulos, traduzidos em vários idiomas, e foi diversas vezes distinguido ao longo de sua carreira literária com prêmios como o Cidade de Belo Horizonte, o Jabuti (da Câmara Brasileira do Livro), o Selo de Ouro (da Fundação Nacional do Livro Infante-juvenil), o diploma de honra do International Board on Books for Young People (IBBY, Londres) e o prêmio francês Quatrième Octogonal.”³ Seu último lançamento, *Vermelho Amargo* (2011) está sendo muito agraciado pela crítica.

A opção por este escritor orientou-se, portanto, por distintos critérios: as referências ao autor como um dos mais importantes escritores da moderna literatura brasileira; o engajamento do autor na formação de leitores autênticos; o discurso do autor sobre a escola servil a uma ideologia, que se utiliza da arte apenas como um instrumento pedagógico e ao fato de não haver muitos estudos sobre o autor, apesar de sua importância no cenário nacional.⁴

Nas palavras do próprio escritor, ao escrever seu objetivo

[...] é tanto realizar o meu exercício de escritor com prazer, como o de buscar o prazer para o leitor; mesmo sabendo que nem sempre isso se completa. Ao escrever procuro fazer uma escrita qualificada. Na responsabilidade de elaborar um texto está implícito o cuidado com o leitor. (QUEIRÓS, 2005, p. 169).

² Um exemplo importante: PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola; FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

³ Endereço eletrônico: <<http://www.pluricom.com.br/clientes/grupo-sm/noticias/2010/03/bartolomeu-campos-de-queiros-e-finalista-do-premio-hans-christian-andersen>> Acesso em set. 2010

⁴ Trabalho de pesquisa localizado sobre o autor: OLIVEIRA, Maria Lilia Simões. *A metáfora como leitura na obra de Bartolomeu Campos de Queirós*. PUC/RJ.

Muito compromissado com a formação do leitor e com a qualidade literária dos livros, Bartolomeu Campos de Queirós escreveu o “*Manifesto por um Brasil literário*”. O Manifesto foi lançado na Festa Literária de Paraty (FLIP), em julho de 2009. É uma iniciativa de um grupo de instituições e pessoas envolvidas com a leitura literária no Brasil. O objetivo deste documento é ampliar o debate em torno da importância da leitura de livros, acolhendo propostas e engajando o maior número de pessoas em torno desta causa.

6 – *Cavaleiros das Sete Luas* (1985), de Bartolomeu Campos de Queirós

O livro *Cavaleiros das sete luas*, publicado pela primeira vez em 1985 pela Editora Minguilim, foi republicado no ano de 2004 pela Editora Global. Teve seu projeto gráfico desenvolvido por Paulo Bernardo Ferreira Vaz.

A obra possui 40 páginas. Nestas páginas estão divididos 221 versos livres, em redondilha maior. Os versos, por sua vez, estão separados em quatro partes dentro do livro, num total de 58 estrofes irregulares.

Seu projeto gráfico, desenvolvido por Vaz, está em perfeita harmonia com a linguagem verbal do texto, reforçando o clima de mistério e de erotismo latentes no poema. A linguagem poética e o projeto gráfico - luas brancas em fundo prateado em todas as páginas - buscam proporcionar uma viagem pelo reino misterioso das terras desconhecidas.

Na opinião de José Batista de Sales (2010), *Cavaleiro das sete luas* possui um enredo intrincado, obtido pelo aproveitamento de inúmeras lendas da mitológica Greco-latina no qual se estabelece clima de mistério e de segredo, com cavalos alados, caravelas vagando pelos céus, espadas emitindo raios de luz no espaço. Situado no tempo medieval, damas, cavaleiros, castelos iluminados, amor e desejo, deusas e guerras constroem um novo significado para o mistério presente no poema.

Como citado acima, o poema narrativo está dividido em quatro partes. Na primeira delas, intitulada *Em noites de lua cheia temos nossos encantos*, o narrador explicita a existência de sete cavaleiros, em sete luas. Os cavaleiros deixam suas respectivas luas e partem no tempo, galopando com seus cavalos. Enquanto isso, sete damas de ouro em sete castelos esperam a chegada dos sete cavaleiros:

Os sete cavalos brancos
desceram das sete luas.
Sete eram os cavaleiros
com sete pares de asas
e sete espadas de prata.

A segunda parte da narrativa em versos, *De quatro cavaleiros* narra a chegada dos quatro primeiros cavaleiros aos seus destinos (norte, sul, leste, oeste):

Para o norte seguiu Ônix
noite fechada entre dedos.
Junto da noite levava
o sono, o sonho, o segredo.

No item seguinte, *De quatro deusas*, a narrativa descreve quatro deusas (Gaia, Flora, Moira e Íris), uma em cada ponto cardeal, esperando por seu respectivo cavaleiro:

São quatro cavalos brancos
e são quatro os cavaleiros
nos quatro cantos do mundo.

São quatro estações do ano
quatro pontos cardeais
e quatro espadas de prata
são quatro os elementos
- terra, água, fogo e ar.

Por fim, na última parte do poema, *Outros três pares*, os outros três cavaleiros também encontram suas respectivas damas (Clio, Vesta, Lira). Então, reúnem-se novamente todos os cavaleiros, e retornam as sete luas:

Os sete cavalos brancos
com sete pares de asas
retornaram aos sete céus:
sete notícias ao rei.

7 – Fantasia e simbolismo em *Cavaleiros das sete luas*

Bartolomeu Campos de Queirós, no artigo *Leitura, um diálogo subjetivo*, faz a seguinte afirmação:

[...] a literatura é feita de fantasia. No texto literário não existe preconceito. E na leitura, a fantasia do leitor dialoga com a fantasia do escritor. É um diálogo delicado, pois só fantasiemos o que nos falta. Daí ser uma conversa sobre o que não possuímos ainda. Mas é preciso acreditar que todo real é uma fantasia que ganhou corpo. O mundo é movido pela fantasia. É por meio dela que nos acrescentamos ao mundo e nos inscrevemos nele. A fantasia é responsável pelas surpresas do cotidiano. (QUEIRÓS, 2005, p. 173).

A afirmação acima, feita pelo escritor, foi concretizada em muitas de suas obras, mas especificamente em *Cavaleiros das sete luas* encontramos abundantemente a fantasia, um mundo criado e movido por ela. Com cavaleiros que residem em luas e a sua viagem pelo espaço-tempo, um universo paralelo e mágico é oferecido aos leitores, que o habitam e se inserem nele ao longo da narrativa.

A magia está presente também por meio do jogo simbólico trazido pelo autor. O número sete, a cor branca, as deusas, as referências às luas, um rei que lá reside e seus cavaleiros. Tudo isso presentifica a fantasia e cria uma verossimilhança no texto.

A utilização do número sete no livro nos remete significado do número sete. O sete representa os dias da semana, os sete planetas, os sete graus da perfeição, as sete esferas ou graus celestes, as sete pétalas da rosa, as sete cabeças da naja de Angkor, os sete galhos da árvore cósmica e sacrificial do Xamanismo, as sete notas musicais, os sete pecados capitais, dentre outros. Na numerologia, o sete representa também o homem que uniu o Mundo Divino com o Mundo Humano.

No Dicionário de Símbolos, Chevalier e Gheerbrant definem o significado do número sete com as informações abaixo:

[...] Certos setenários são símbolos de outros setenários. Assim, a rosa de sete pétalas evocaria os sete céus, as sete hierarquias angélicas, todos os conjuntos perfeitos. O sete designa a totalidade das ordens planetárias e angélicas, a totalidade das moradas celestes, a totalidade da ordem moral, a totalidade das energias, principalmente na ordem espiritual. Era, para os egípcios, símbolo da vida eterna. Simboliza um ciclo completo, uma perfeição dinâmica. Cada período lunar dura sete dias e os quatro períodos do ciclo lunar (7x4) fecham o ciclo. O sete indica o sentido de uma mudança depois de um ciclo concluído e de uma renovação positiva. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 826).

Com estas informações acerca do número sete podemos criar algumas relações possíveis entre sua simbologia e o livro *Cavaleiro das sete luas*. A escolha de sete cavaleiros talvez esteja relacionada à união do Mundo Divino, moradas celestes ao Mundo Humano, por meio da ligação dos cavaleiros que residem nas luas e possuem suas amadas na Terra. É uma ligação entre a fantasia e o real.

A cor branca, utilizada na descrição dos cavalos (sete cavalos brancos/ galopando ave branca), dos castelos (em sete castelos brancos) e na ilustração da luas, também possui uma certa simbologia mística. No *Dicionário de símbolos* (2008), a cor branca,

[...] Assim como o negro, sua contracor, o branco pode situar-se nas duas extremidades da gama cromática. Absoluto – e não tendo outras variações a não ser aquelas que vão do fosco ao brilhante – ele significa ora a ausência, ora a soma das cores. Assim, coloca-se às vezes no início e, outras vezes, no término da vida diurna e do mundo manifesto, o que lhe confere um valor ideal, assintótico. Mas o término da vida – o momento da morte – é também um momento transitório, situado no ponto de junção do visível e do invisível e, portanto, é um outro início. O branco – *candidus* – é a cor do candidato, daquele que vai mudar de condição (*os candidatos às funções públicas vestiam-se de branco*). Na coloração dos pontos cardeais é normal, portanto, que a maioria dos povos tenha feito do branco a cor do Este e do Oeste, dos dois pontos extremos e misteriosos onde o Sol – astro do pensamento diurno – nasce e morre todos os dias. Em ambos os casos, o branco é um valor-limite, assim como as duas extremidades da linha infinita do horizonte. É uma cor de passagem, no sentido a que nos referimos ao falar dos ritos de passagem: e é justamente a cor privilegiada desses ritos, através dos quais se operam as mutações do ser, segundo o esquema clássico de toda iniciação: morte e renascimento. O branco do Oeste e o branco fosco da morte, que absorve o ser e o introduz ao mundo lunar, frio, fêmea. Conduz à ausência, ao vazio noturno, ao desaparecimento da consciência e das cores diurnas.

O branco do Este é o do retorno: é o branco da alvorada, quando a abóbada celeste reaparece, vinda vazia de cores, embora rica do potencial de manifestação, cujos microcosmo e macrocosmo nele se *re carregam* à maneira de uma pilha elétrica, durante sua permanência (passagem) no ventre noturno, fonte de toda energia. Um desce da intensidade luminosa para o estado fosco, o outro sobe do estado fosco para o da intensidade luminosa (ou brilho). Em si mesmos, esses dois instantes, essas duas brancuras, estão vazios, suspensos entre a ausência e a presença, entre Lua e Sol, entre duas faces do sagrado, entre seus dois lados. Todo simbolismo da cor branca, e de seus usos rituais, decorre da observação da natureza, a partir da qual as culturas humanas edificaram seus sistemas filosóficos e religiosos. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 141).

Considerando a cor branca na narrativa, podemos acreditar que sua utilização represente as extremidades, ou seja, os dois universos presentes, a junção de dois estados: o visível (real) com o invisível (fantasia).

Por último, a simbologia da lua nos faz pensar sobre a sua transitoriedade, já que as fases da lua, alteradas a cada sete dias, nos traz uma ideia de constante mudança. As alterações da lua representa a mutabilidade dos sentimentos e afetos humanos, e também instabilidade. Para Chevalier e Gheerbrant, a lua

[...] é em correlação com o simbolismo do Sol que se manifesta o da Lua. Suas duas características mais fundamentais derivam de um lado, de a Lua ser privada de luz própria e não passar de um reflexo do sol; de outro lado, de a Lua atravessar fases diferentes de mudança de forma. É por isso que ela simboliza a dependência e o princípio feminino (salvo exceção), assim como a periodicidade e a renovação. Nessa dupla qualificação, ela é símbolo de transformação e de crescimento.

A Lua é um símbolo dos ritmos biológicos: Astro que cresce, decrece e desaparece, cuja vida depende da lei universal do vir-a-ser, do nascimento e da morte...a lua conhece uma historia patética, semelhante a do homem...mas sua morte nunca é definitiva...Este eterno retorno às suas formas iniciais, esta periodicidade sem fim fazem com que a lua seja por excelência o astro dos ritmos da vida...ela controla todos os planos cósmicos regidos pela lei do vir-a-ser cíclico: água, chuva, vegetação, fertilidade [...].(CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 561).

A lua representaria a transitoriedade entre a Terra e o Céu, a dependência e ligação de um ao outro, esse constante movimento de ir e vir, de ida e retorno trazido à narrativa por meio também dos cavaleiros que transitam entre os dois universos.

Além desses itens analisados acima, não podemos deixar de mencionar a existência das sete deusas, sendo cada uma delas representante da mitologia e da junção da várias tradições para a composição do poema.

Considerações finais

Observando as características da obra *Cavaleiros das sete luas*, de Bartolomeu Campos de Queirós podemos concluir que o autor se enquadra no rol de autores modernos que utilizam a linguagem poética em seu uso apenas estético, sem objetivas pedagogizar ou incutir qualquer tipo de valor ao público ao qual se destina.

Além disso, o uso dos elementos fantásticos e a simbologia constante no decorrer da narrativa exigem do leitor não apenas atenção, mas um envolvimento com a história narrada para uma tentativa de interpretação que não pode ser alcançada com apenas uma leitura superficial. Os elementos da narrativa prendem o leitor em um mundo mágico, que precisa ser desvelado.

No livro *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?* Com a palavra o escritor, Bartolomeu afirma que

[...] numa obra que procura ser também possível aos mais jovens existem elementos essenciais: adequação da linguagem sem empobrecer o texto, ritmo e sonoridade, busca do inusitado, capacidade de sedução a partir dos rompimentos com o linear. Mas tudo se concretiza pelo uso da palavra. (QUEIRÓS, 2005, p. 174).

Podemos dizer que ao escrever *Cavaleiros das sete luas*, Bartolomeu realmente concretiza o uso de sua palavra em um texto não apenas possível aos jovens, mas a todo leitor que busca viajar e se deleitar com uma leitura.

Referências bibliográficas

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. 22ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira : história & histórias*. 5. ed., São Paulo : Ática, 1991.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Cavaleiros das sete luas*. São Paulo: Global, 2004.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Leitura, um diálogo subjetivo* in OLIVEIRA, Ieda (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

SALES, José Batista de. *O poema narrativo infanto-juvenil brasileiro: apontamentos preliminares* in 4º Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 2010 – Universidade Estadual de Maringá (Anais do evento). Disponível em <<http://www.cielli.com.br/downloads/172.pdf>>. Acesso em jan. 2011

_____. *O poema narrativo no Brasil: das origens a Mário de Andrade*. Relatório de estágio pós-doutoral, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no período de março de 2008 a maio de 2009.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix, 1978.